

4ª. Apostila de Filosofia

História da Filosofia:

- Filosofia Grega: Período Helenístico
- Filosofia Medieval

Introdução

O último período da Filosofia Grega é o Helenístico (Sec. III a.C.-VI d.C.). É um período pouco estudado e muitas obras se perderam. Helenismo significa a influência da cultura grega em todo mediterrâneo oriental e no Oriente desde as conquistas de Alexandre da Macedônia e posteriormente a consolidação do Império Romano.

A influência das escolas filosóficas desse período chega ao Império Romano. O grande centro cultural do helenismo foi em Alexandria, no Egito, que era uma cidade cosmopolita, unindo gregos, judeus, egípcios. A intensa produção científica valorizava as ciências naturais, sendo avançada nas áreas de matemática, geometria, medicina, linguagem, astronomia, geografia. A produção científica de Alexandria contribuiu fortemente para a ciência da Antiguidade.

O período Helenístico se caracteriza por pensamento de escolas filosóficas, não havendo grandes mestres tais como Sócrates, Platão e Aristóteles. O importante era a corrente filosófica da qual o pensador estava vinculado e não propriamente sua originalidade e criatividade. Perde-se o caráter argumentativo, polêmico, crítico das origens da filosofia grega. É um período em que se misturam e sintetizam várias correntes de pensamentos, **o ecletismo**.

A filosofia helenista se ocupava com as questões da ética, do conhecimento humano e das relações entre o homem e a natureza e de ambos com Deus. Apareceram aspectos místicos e religiosos no pensamento filosófico, influenciados pelo contato com o Oriente.

Com o fim da polis grega, após a conquista de Alexandre, o Grande, o homem grego perdeu sua principal referência ético-política: a vida na comunidade, as leis, as tradições e práticas culturais. Embora o mundo fosse grego, o homem grego sentia-se

sem raiz, pois sua referência básica era a cidade e essa havia perdido força para o império centralizado. Era preciso desenvolver uma ética forte, com conteúdos práticos e novas referências: regras de conduta, apontando o caminho em busca da felicidade pessoal nesse novo contexto de várias culturas.

Esse período é muito importante para nós ocidentais, pois, é o período de transição da Antiguidade clássica e a idade Media Cristã, quando se dá a formação da tradição cultural da qual nos fazemos parte e somos herdeiros até hoje: dá-se o encontro entre o mundo Greco-romano e a cultura judaico-cristã.

Nesse período, duas correntes de pensamentos filosóficos gregos se destacam e vão influenciar o mundo ocidental:

Estoicismo:

Epicurismo:

❖ O período de transição para o surgimento da Filosofia Cristã (sec. I a.C. - sec. IV a.C.).

Nos primeiros séculos de sua existência, o Cristianismo ainda não possui uma doutrina e estrutura consolidadas. O Cristianismo vai sendo construindo ao longo dos primeiros séculos da Era Cristã.

Como se formou essa tradição da qual fazemos parte? Por que dizemos que nosso mundo é Ocidental? De onde vem esse pensamento? Como entender a relação entre o cristianismo, que é uma religião, e a filosofia grega, que havia rompido com o pensamento mítico e religioso e se pautava na racionalidade?

O primeiro marco da constituição do Cristianismo como religião independente foi a pregação de São Paulo, um judeu helenizado e de formação filosófica estoicista, funcionário do Império Romano, que se converteu ao Cristianismo. São Paulo fala em uma religião universal, dirigida a todos os homens, e não a religião de um povo apenas, como era o Judaísmo.

O processo de difusão do Cristianismo é longo e vai até a sua institucionalização pelo Império Romano (391 d.C.). O cristianismo se difundiu progressivamente ao longo do sec. I a.C, com os fiéis impulsionados pela missão de São Paulo, embora não houvesse unidade em suas práticas. Era necessário, então, integrar essas

comunidades cristãs. Para isso, tornava-se essencial o desenvolvimento de uma doutrina que pudesse dar identidade ao Cristianismo. A filosofia grega vai ter um importante papel na construção da doutrina cristã.

No processo inicial de difusão do cristianismo, alguns filósofos se converteram ao cristianismo e passaram a falar da filosofia cristã. Alguns desses filósofos ou teólogos rejeitavam a filosofia grega por considerá-la alheia a mensagem de Cristo e a desprezavam, vendo essa forma pagã de pensamento como um caminho para o pecado e o descaminho.

Outros pensadores cristãos, ao contrário, defendem o uso do conhecimento da filosofia grega a serviço do Cristianismo, pois sabedoria dos filósofos gregos seria essencial para a preparação da fé. De qualquer forma, mesmo os que defendiam a importância do conhecimento grego, admitem que os textos sagrados eram mais importantes e a doutrina filosófica deve estar submetida ao ensinamento religioso, ou seja, a razão está submetida à fé, pois os dogmas cristãos são verdades divinas inquestionáveis. O objetivo era usar a razão para convencer os descrentes sobre a superioridade da fé.

Os primeiros padres precisavam conquistar os governantes, que eram romanos e pagãos, para evitar a perseguição aos cristãos. Os governantes acabam se convertendo ao Cristianismo.

É, sobretudo, em Platão e Aristóteles que os filósofos cristãos vão fundamentar o desenvolvimento do pensamento cristão.

A Filosofia Medieval (sec. V ao XV)

A Idade Média compreende o período que vai da queda do Império Romano (sec. V) ao sec. XV. São 10 séculos ou mil anos de história, em que se consolida o feudalismo, com a nobreza no poder.

Esse período é marcado pela força espiritual e política da Igreja católica. A nobreza é ignorante, o conhecimento fica restrito aos mosteiros. A grande questão discutida é a relação entre a fé e a razão, entre filosofia e teologia.

A filosofia cristã comportou dois grandes períodos:

- ❖ Patrística: do século I até o século VI
- ❖ Escolástica: do século XIII ao século XIV

A Filosofia Patrística (século I ao VII): difusão, consolidação e constituição do Cristianismo

É anterior ao início da Idade Média, mas é o período em que se faz a síntese da doutrina cristã e a filosofia grega, tendo forte influência para a filosofia medieval.

Inicia-se com as Epístolas de São Paulo e o Evangelho de São João. A Patrística vem dos apóstolos Paulo e João e também de Padres da Igreja, que foram os primeiros dirigentes espirituais e políticos da Igreja após a morte dos apóstolos. Com o desenvolvimento do cristianismo, tornou-se necessário explicar seus preceitos às autoridades romanas e ao povo. Não podia ser pela força, mas tinha que ser pela conquista espiritual.

Os primeiros pensadores padres elaboraram textos sobre a fé e a revelação cristã. Buscaram conciliar o cristianismo ao pensamento filosófico dos gregos, pois somente com tal conciliação seria possível convencer e converter os pagãos da nova verdade. Tenta basear a fé em argumentos racionais.

A filosofia patrística tem a tarefa de evangelizar e defender a religião cristã contra os ataques teóricos e morais do pensamento antigo.

A filosofia patrística introduz idéias novas: a criação do mundo por Deus, pecado original, Deus e a trindade una, encarnação e morte de Deus, juízo final, ressurreição, origem do mal.

As idéias cristãs eram impostas pelos Padres por meio das verdades reveladas por Deus, eram verdades irrefutáveis e inquestionáveis: **os dogmas**.

O grande tema de toda a filosofia patrística era conciliar razão e fé.

Santo Agostinho - O principal nome da patrística é Santo Agostinho (340-430), bispo de Hipona, uma cidade no norte da África. Santo Agostinho retoma a dicotomia de Platão, **mundo sensível e mundo das idéias (mundo perfeito)**, mas **substitui o**

mundo das idéias pelo **mundo divino**, e para se alcançar o mundo divino (o mundo perfeito), era preciso seguir o caminho da fé.

Segundo Santo Agostinho, a alma humana é superior ao corpo e, por ser superior, deve reinar e dirigi-lo à prática do bem. Segundo sua teoria da iluminação, Deus nos dá o conhecimento das verdades eternas e ilumina a razão. A salvação individual depende da submissão total a Deus. Santo Agostinho ressalta a vinculação pessoal do homem com Deus, enquanto a filosofia grega identifica o homem com o cidadão e a política. Para ele, só é possível alcançar a verdade das coisas por meio da luz de Deus, no íntimo de nossa alma.

Filosofia da Escolástica (sec. IX ao sec. XV)

A Igreja Romana, cada vez mais forte, dominava a Europa, organizava cruzadas, criava as primeiras universidades e escolas. Essas escolas ensinavam várias matérias, gramática, geometria, aritmética, música, astronomia, todas elas submetidas à teologia. A escolástica continua o trabalho de adequar a herança do pensamento filosófico clássico às verdades teológicas.

O auge da Escolástica se dá com Santo Tomas de Aquino, no sec. XIII, que busca sua fundamentação na sabedoria de Aristóteles. A obra de Aristóteles – metafísica, lógica, científica, filosófica, passa a ser de grande interesse na época. São Tomas de Aquino vai desenvolver um sistema compatibilizando o aristotelismo e o cristianismo.

Há uma intensa retomada da filosofia grega, mas com o objetivo de compatibilizar e reinterpretar o conhecimento clássico de Aristóteles à luz das crenças religiosas. Uma das principais preocupações dos filósofos medievais era fornecer argumentações racionais, espelhadas nas contribuições dos gregos, para justificar as chamadas verdades reveladas da Igreja, tais como a da existência de Deus, a imortalidade da alma.

Nesse período, a Igreja Católica consolidou sua organização religiosa e difundiu o cristianismo, preservando muitos elementos da cultura greco-romana. É a época feudal, em que a Igreja Católica surge como força espiritual, política, econômica e

cultural. Apoiada em sua forte influência religiosa, a Igreja passou a exercer importante papel político na sociedade medieval; ampliou sua riqueza, tornando-se dona de quase um terço das terras da Europa e, no plano cultural estabeleceu que a fé era o pressuposto da vida espiritual. Fé significava a crença irrestrita às verdades reveladas por Deus. É a religião que vai fundamentar os princípios morais, políticos da sociedade medieval.

A principal discussão desse momento é a questão da razão e da fé, da filosofia e da teologia. As investigações científicas e filosóficas não poderiam contrariar as verdades estabelecidas pela fé católica. Nesse período surge propriamente a filosofia cristã, a teologia. Seu tema principal é a prova da existência de Deus e da imortalidade da alma, ou seja, a prova racional da existência do criador e do espírito imortal, com o propósito de explicar a relação homem e Deus, razão e fé, corpo e alma, e o Universo como hierarquia de seres, onde os superiores – divinos – dominam os inferiores.

Santo Tomás de Aquino - É a figura mais destacada do pensamento cristão medieval. Elaborou os princípios da doutrina cristã baseado no pensamento aristotélico. Seu objetivo maior: não contrariar a fé. Para isso reviveu grande parte do pensamento aristotélico com a finalidade de nele buscar elementos racionais que explicassem os principais aspectos da fé cristã. Enfim, fez de Aristóteles um instrumento a serviço da religião católica, ao mesmo tempo em que transformou essa filosofia em uma síntese original. Santo Tomás não adaptou a filosofia de Aristóteles ao cristianismo, mas sim fez uma sistematização da doutrina cristã.

Baseados no aristotelismo, os argumentos de São Tomás revalorizam o mundo natural, pois o mundo natural é criação de Deus. É assim que podemos conhecer Deus: por meio de sua criação, o mundo natural. Isso justifica o interesse pela investigação científica do mundo natural que surge na época e vai transformar a Europa nos séculos seguintes.

Concluindo:

O homem está sempre buscando entender o significado da vida e compreender seu mundo, para isso ele pensa e produz o conhecimento. Esse conhecimento vai refletir o mundo a partir do qual foi construído. Em outras palavras, cada povo

representa a si mesmo e o mundo a partir de uma determinada realidade social e histórica. Cada povo constrói uma visão de mundo que reflete seus valores, seus costumes, suas necessidades, seus interesses, enfim, representa sua realidade por meio do conhecimento. Por sua vez, esse pensamento vai influenciar a realidade e transformá-la.

A consolidação do Cristianismo se dá em determinadas condições históricas. Padres e filósofos cristãos construíram um pensamento que fundamentou a doutrina religiosa, orientados pela busca da verdade universal baseada na fé. Essa verdade religiosa refletia as necessidades históricas e de uma ordem social, política e econômica. A doutrina cristã como um sistema unificado, racional e logicamente construído passou, também, por críticas e modificações. Ao final do período medieval (sec. XIV), surgem novos pensamentos que defendem a separação radical entre a razão e a fé, entre Filosofia e Teologia.

Com a crise do pensamento escolástico, surge um pensamento inovador, o humanismo renascentista e o a Filosofia Moderna, com suas novas teorias filosóficas e científicas, resultando em profundas transformações no mundo europeu.

Leitura:

ARANHA, M. L.; MARTINS, M. P. **Filosofando**. São Paulo, Moderna, 2003, p. 124-126.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia**. Rio de Janeiro, Zahar, 2007